

Helder escreve seus textos: sempre atento à forma e com uma divisão didática dos assuntos, o autor procura estabelecer padrões, tanto na seqüência dos temas abordados, quanto na quantidade de páginas de cada ensaio. A linguagem dos textos é um ponto a ser observado, tanto no que se refere à sua forma material, quanto à sua dimensão subjetiva. Obedecendo a suas regras, assim como ocorrera nas correspondências pessoais das décadas de 1940 e 1950 e nas Cartas Circulares (1962-1982), ao lado dos relatos e dos acontecimentos importantes, Helder Camara narra o cotidiano. Algumas das vezes os textos ganham valor de uma confissão por trazerem assuntos muito íntimos. Para além desses instantes, os exercícios espirituais terminam sempre com uma menção ao sagrado. Na grande maioria das vezes, uma oração, uma referência a Jesus, o Cristo, ou ao Pai, o Criador. Padrões de escrita estabelecidos por Helder Camara desde os anos 1940.

O que é um olhar? Um ponto de partida para novas e variáveis construções de mundo. As Utopias podem ser novas em alguns instantes, mas o Helder, definitivamente, é o mesmo. O mesmo Helder Camara em um ato de confiança, proporcionando-nos a leitura do invisível da vida e do mundo que apenas os olhos do coração são capazes de perceber.

Hoje, posso dizer com convicção que conhecer Helder Pessoa Camara foi um dos acontecimentos mais importantes da minha vida.

Jordana Gonçalves Leão.
Historiadora e Pesquisadora.

Muitas razões para escrever

Aos leitores desta obra cabe uma pergunta inicial e pertinente: foi realmente Dom Helder Camara quem escreveu esse livro? Afinal, ele morreu. A mesma pergunta eu faço com outros livros mediúnicos que me chegam às mãos. É natural e racional. Faz parte da análise criteriosa recomendada pelo bom senso e princípio de investigação da Ciência Espírita. Não negar, mas também não aceitar imediatamente. Examinar. Este é o pedido que faço aos leitores de todas as crenças e mesmo ao incrédulo.

Leiam atentamente cada texto sob a ótica do escritor da obra. Para os que conheceram Dom Helder Camara no corpo físico será mais fácil. Quem leu seus livros, ouviu seus programas de rádio matinais, suas prédicas nas missas ou em conferências, ficará mais à vontade. Sei que a tendência imediata para aquele que não admite a comunicação dos “mortos” é a rejeição, a inadmissibilidade do fenômeno e mesmo um pré-julgamento como se fosse uma farsa ou um desequilíbrio psíquico daquele que se intitula médium. Mais uma vez não lhes tiraria a razão. Do seu lugar, igualmente, levantaria estas hipóteses antes de crer na relação interexistencial entre a dimensão física e a espiritual. Creiam, no entanto, que a manifestação de pensamentos e sentimentos que recebi foi sincera e para

quem as viveu, extremamente verdadeira.

Para ampliar a análise da obra, solicitei a três pessoas próximas ao pensamento de Dom Helder Camara que avaliassem o conteúdo.

A novidade do relato mediúnico de Dom Helder causou-me também surpresa, até porque é minha primeira publicação mediúnica e começar logo com Dom Helder Camara não é simples. Primeiro por se tratar de uma referência internacional, depois porque é uma personalidade pertencente aos quadros de uma religião que discorda do procedimento mediúnico e, principalmente, dos enunciados que virão do próprio autor sobre a vida pós-morte. Não há qualquer intenção da minha parte de provocação, sobretudo pelo respeito que nutro por todas as religiões como expressões legítimas da busca de Deus e da felicidade entre os homens. Não poderia, porém, me furtar de levar a público aquilo que espontaneamente chegou até a mim. Antes de começar a receber os textos foi perguntado ao próprio Dom e ele generosamente respondeu: *“Quem quiser seguir a Jesus deve estar preparado para carregar a sua cruz. Foi assim quando estava “vivo” e não será diferente agora que estou “morto”. Você, também, meu filho”*.

Desta forma, estou consciente das críticas que receberei e tentarei compreendê-las, pois as reações serão as mais diversas.

Conviver com Dom Helder, para quem não possuía qualquer aproximação com ele quando estava entre nós fisicamente, é por demais prazeroso. Para conhecê-lo melhor, tive que pesquisar suas falas, seus escritos, seu habitat e ouvir seus amigos. Se o admirava à distância, passei a entender melhor as suas bandeiras de luta, que

não cessaram por ter apenas perdido a roupa de carne que o vestia. Sua inquietação e inconformismo são os mesmos, como também não alteraram a sua ternura e afetividade com todos.

Alguns textos foram produzidos nos dias em que fatos predominavam na manchete da mídia ou cujas datas comemorativas ele escrevia como a repetir seus comentários no programa de rádio que apresentava na Rádio Olinda.

Como o livro demorou em ser publicado houve, por parte do editor, a idéia de promover uma entrevista com Dom Helder. Assim a fizemos, e creio que o resultado foi positivo e proveitoso, esclarecendo nuances não escritas inicialmente.

Há um propósito maior desta obra, como invariavelmente todas as obras mediúnicas, que é declarar firmemente a nossa imortalidade. Não morremos. Continuamos a existir de outra forma e não perdemos o patrimônio moral e intelectual que adquirimos. Eis o propósito do Dom do Amor e da Paz neste livro. Eis as novas profecias que ele vem anunciar em coerência de atitude como sempre fez quando circulava entre seus irmãos. Anuncia as novas utopias de um novo mundo que está por vir, utopias que representam as verdadeiras razões para viver.

Carlos Pereira
Agosto de 2007.